OS CONTOS DE FADA NA EDIÇÃO INFANTIL

MARA LÚCIA MENDES DOS SANTOS

RESUMO
Este trabalho objetivou destacar a importância dos contos de fada, da literatura infantil e da contação de histórias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental para o desenvolvimento integral da criança, bem como para despertá-la para o interesse, o gosto e o prazer de ler, auxiliando no letramento e na alfabetização. É importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias, pois suscita o imaginário infantil, estimula o intelecto e a formulação de hipóteses, desenvolvendo, assim, o seu potencial e suas habilidades. Para alcançar os objetivos almejados foi utilizada a pesquisa bibliográfica e os autores Adriana Maricato (2006), Celso Sisto (2005), Cláudia Capello et al. (2008), Fábio Henrique Nunes Medeiros e Taiza Mara Rauen Moraes (2007), Fátima Miguez (2003), Fanny Abramovich (2009), Graça Paulino e RildoCosson (2004), Laura Sandroni e Luiz Raul Machado (1987), Nelly Novaes Coelho (2000) e PCN: Língua Portuguesa (1997) e outros.

Palavras-chave: literatura infantil; contação de histórias; letramento e alfabetização.

INTRODUÇÃO

O conto de fadas é uma arte que remonta desde os primórdios da humanidade. Podemos considerar que é uma das mais antigas formas de expressões do ser humano, em que ele pode expressar sentimentos, emoções, experiências e transmitir as culturas através das gerações.

Ao se contar uma história para uma criança, a sua curiosidade é estimulada, sua imaginação desperta, ela constrói ideias e expande seus horizontes. Através de uma história, ela pode vivenciar situações que vão ajudar a resolver conflitos e criar novas expectativas.

Bettelheim (2009) diz que as histórias representam de forma imaginativa, aquilo em que se consiste em o processo sadio de desenvolvimento humano. Uma história é antes uma obra de arte, e por isso, tem um impacto psicológico positivo sobre a criança.

Quando contamos uma história para uma criança, trabalhamos a emoção de uma forma lúdica que educa e informa. A criança consegue desenvolver a capacidade cognitiva no cérebro de uma forma mais abrangente, fornecendo elementos para a imaginação, estimulando a sua capacidade de observação e ajudando-a a expressar suas ideias.

Para o professor da educação Infantil, o ato de contar uma história é um excelente instrumento de trabalho. Ele abre um novo caminho na aprendizagem da criança e consequentemente estimula que essa criança seja um futuro leitor.

O objetivo geral deste estudo é incentivar a literatura, transmitir valores que determinem atitudes éticas e melhorar a convivência no ambiente escolar.

Com esse trabalho pretende-se apontar a importância de usufruir de um momento lúdico entre professor e aluno, criar um habito de ouvir histórias e estimular o respeito ao contador, e a reflexão por meio das histórias, do ambiente em que se vive, sua conduta, suas ações

Nessa pesquisa, vamos falar sobre a importância das histórias infantis. Em seguida, iremos falar sobre a contação de histórias, sua história, seu desenvolvimento e a sua relação com a Educação Infantil e com o desenvolvimento da criança e, por fim, falaremos dos melhores métodos, habilidade e recursos que o professor pode utilizar.

Sabemos que a infância é o período de vida decisivo para a constituição da personalidade e por consequência da história de cada um. Com a infância bem cuidada, teremos adolescentes e adultos mais equilibrados, integrados afetivo, intelectual e socialmente. As histórias vão agir nessa formação pelo seu aspecto lúdico, ajudando no desenvolvimento intelectual e despertando o interesse pela leitura, estimulando a imaginação. O desenvolvimento comunicativo e interacional é estimulado.

Sendo assim, pretende-se ratificar a importância da contação de histórias na Educação Infantil, fazendo com que a criança entre no mundo da imaginação, aprendendo e construindo conhecimentos que serão referencias e bases para toda a sua vida.

CONTOS DE FADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao se contar uma história, Abramovich (1989) diz que é uma arte, não se pode apenas pegar o livro sem nenhum preparo. Se isso acontece, a criança logo percebe que o professor não está familiarizado com o que ele está dizendo. E se ele não está familiarizado, corre o risco de no meio da história se perder, pronunciar algo errado, fazer pausas no momento errado e muitos outros erros que irão prejudicar o interesse da criança na história. Sendo assim, ao se contar uma história, o professor tem que conhecer muito bem o assunto que está contando. Só assim ele poderá se envolver bem com o tema, vivendo e se emocionando com o que foi lido e está sendo repassado. O tom de voz é também muito importante. A voz clara, agradável, no tom correto, alternando de acordo com a situação e os personagens, irão fazer toda a diferença para a criança que está ouvindo, incentivando-a a imaginar e recriar na sua imaginação o que está sendo dito, de uma forma mágica. A emoção deve ser dosada para que o exagero não prejudique o entendimento da história.

¨Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais. ¨ (Coelho,1999, p.21).

Abramovich (1989), Coelho (2002), entre outros, destacam que o professor tem que repassar toda a emoção da história para as crianças. É fundamental que o ouvinte possa sentir toda a emoção, e, para isso, o professor tem que ler todo o texto antes de conta-lo, para não correr o risco de ter que improvisar e acabar com toda a magia. Ao se contar a história, o professor tem que estar preparado para dizer os nomes específicos que o autor colocou na sua obra, entonar e variar as vozes e dar o efeito necessário para a fantasia que o autor criou. Haverá palavras que não são utilizadas normalmente, e expressões que podem criar diferentes interpretações nas crianças.

É importante não somente a escola ter o espaço necessário para a contação de histórias, como também estender esse hábito para o âmbito familiar.

Deixar as crianças levarem um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças desde muito pequenas podem construir uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCN – Brasil, 1998, p135).

Outro fator importante para a contação de histórias é levar em consideração a faixa etária da criança que está ouvindo. Coelho (2000) enfatiza que a literatura deve ser apresentada a criança com textos adequados a sua faixa etária. É importante que os livros sejam adequados a idade da criança, que abordem o seu cotidiano, para que a criança perceba a relação entre o mundo real e o mundo das palavras.

Se a criança for ler a história, o livro deve ter ilustrações para que ela possa acompanhar o desenvolvimento da história. Repetir a história também é um recurso muito valido já que mantém a atenção e o interesse da criança, principalmente na fase pré-leitura que vai dos três aos seis anos. A primeira vez que a história é contada, tudo é novidade. A partir da segunda vez, ela passa a procurar os detalhes da história, já que já sabem o que vai acontecer. A imitação de sons e diálogos, além das repetições também desperta nas crianças a vontade de participar da história repetindo e imitando as vozes e sons diferentes.

Quando o professor conta uma história, se usarmos uma história de conto de fadas, o "Era uma vez" cria um mundo de encanto e magia, levando a criança a imaginar personagens fantásticos.

O espaço em que a história vai ser contada é muito importante. Ele deve ser acolhedor, preparado de acordo com a faixa etária e as necessidades da criança que irá ser o ouvinte. Ela deve se sentir confortável, acolhida, e se sentir livre para circular pelo local e falar livremente. Para que a história seja marcante e envolvente na vida da criança, o professor deve trabalhar diferentes formas e materiais. Fantoches, encenações, utilizar acessórios adequados para caracterizar o personagem e teatros são importantes recursos para que a criança se sinta como um personagem da história. A narrativa deve ser sempre simples, clara e leve em consideração os interesses da criança para despertar nela a curiosidade e a

imaginação.

O PAPEL DO PROFESSOR NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Como visto no capítulo anterior as crianças precisam ser apresentadas às histórias desde pequenas. E nesta idade em que é difícil a concentração a pessoa que conta precisa gostar das crianças, amar as histórias e estar bem preparada para que possa trazer a magia, estimular a criatividade, roubar a atenção e possibilitar que o momento seja sempre esperado, gostoso e marcante. O que acontece na maioria das vezes é um despreparo e interesse do educador e quando a criança se distrai, não presta atenção ou mostra uma postura de má vontade, o professor acaba por gritar com ela quebrando o encanto e talvez desmotivando para sempre o interesse pelos livros.

Para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes.... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção...Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...Contar é uma arte...e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro...Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1995, p.18)

Coelho concorda que contar histórias é uma arte e que depende de uma tendência inata, mas que pode ser desenvolvida. Para isso é necessário muito estudo, preparação, dedicação, muita leitura e criatividade aliados, e um gostar muito, tanto de literatura, quanto de crianças e reconhecer a importância das histórias para elas.

Abramovich ao compartilhar seus sentimentos sobre a leitura diz que ler sempre significou para ela "abrir todas as portas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens.... sempre foi maravilha, gostosura...prazer insubstituível..."(1995, p.14). Para um grupo de crianças que ainda não sabe ler percebemos a grande responsabilidade do professor para fazer com esses momentos possam ser tão significantes e prazerosos como explica a autora.

Então quando se vai ler uma história para a criança, não se pode fazer de qualquer jeito, em cima da hora, sem planejamento, pegando o primeiro livro que aparecer na frente. Porque quando iniciar a leitura pode transparecer que não está familiarizado com alguma palavra, ou muitas, ou com sua pronúncia. Pode-se assustar com palavrões ou algumas falas que aparecerem no desenrolar das páginas, atrapalhar-se com nomes dos personagens ou lugares, fazer respiração em lugares errados e quebrar a sequência das ideias do autor.

No pensamento de Abramovich, o perigo não é só errar na leitura das palavras. Pode-se atrapalhar com o conteúdo da história, a relação entre os personagens, mentiras que podem ser colocadas, preconceitos que podem passar. As crianças pequenas logo perdem o interesse se a professora começa a gaguejar e lê ou conta a história sem emoção. Mas se ela criar um clima de encantamento, dando pausas, criando intervalos, sussurrando quando preciso ou levantando a voz, falando mansinho, imitando ruídos, respeitando o tempo para a criança imaginar, visualizar seus personagens...ah.... tudo pode vir a ser uma experiência inesquecível.

A pessoa que conta a história tem que transmitir confiança, motivar a atenção. Já desde o início da contação é preciso chamar a atenção, pois se não a criança se desinteressa desde o começo. Para isso precisa conhecer o que vai ler, e também conhecer suas crianças. Se são muito pequenas pode-se acostumá-las com uma música para chamar a atenção para o momento da contação, ou criar um lugar na sala com tapete ou algo especial. Os livros devem ser mais curtos e ter muitas imagens. Se são um pouco maiores pode-se usar algumas frases de impacto para iniciar e também para encerrar.

Importante também é mostrar que o que a criança ouviu está impresso num livro e que ela pode voltar a ele quantas vezes quiser. Para isso deve ter um lugar onde os livros fiquem de fácil acesso, onde ela possa escolher o que quer, manusear, virar as páginas de seu jeito, mesmo que pule algumas, olhar as gravuras, identificar personagens, falar da imagem e contar do seu jeito.

A criança precisa começar desde cedo

a criar um vínculo de amor com os livros. Se toda vez que pega algum, alguém fala que não pode, que vai rasgar e estragar, ela vai achar que é algo proibido.

O educador deve tomar cuidado para que todos esses momentos que envolvem livros e histórias sejam significativos. Tudo deve ser planejado e com frequência e não utilizar a literatura somente quando não se tem mais nada o que fazer.

Contar histórias deve ser então um momento significativo na rotina das crianças e o uso de outros recursos pode ajudar os pequenos a mostrar mais interesse, já que o manuseio de alguns objetos pode trazer para o mundo concreto aquilo que antes estava somente no imaginário ou restrito a algumas imagens. Segundo Coelho (1995), é fundamental saber escolher o recurso a ser utilizado. As formas de apresentação devem ser alternadas e definidas, dependendo do local e circunstâncias. Os fantoches são um exemplo de recursos e é muito apreciado tanto pelas crianças como pelas professoras.

O professor então é parte primordial no processo de incentivar a criança a gostar de histórias e posteriormente vir a ser um leitor. Para isso precisa gostar muito das crianças e do que vai ler, conhecer o texto com antecedência, utilizar a voz dando entonação, intensidade e pausa quando necessário. Deve criar rituais, lugares especiais, um clima agradável, conversar sobre o momento, buscar recursos diferenciados, não gritar com as crianças quando esta interromper a narração. O trabalho com a literatura infantil deve ser diário e nenhum educador deve evitá-lo, mesmo que haja insegurança. Se existir o desejo e a crença que o livro pode trazer alegria e satisfação para a criança além de trazer conhecimento e instrução, a atividade de contação pode ser desenvolvida e aprendida um pouco a cada vez.

No Brasil não temos tradição cultural no que diz respeito à leitura. Vivemos numa sociedade que valoriza, desenvolve e estabelece pouco as práticas de leitura. Essa realidade é confirmada pelas condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, pois a leitura como atividade de atualização e prazer sempre esteve restrita a uma minoria que teve acesso à educação formal e ao livro. Como a maioria dos brasileiros em geral, professores também têm dificuldades para manter o hábito de leitura e, portanto, não são leitores frequentes. Essas dificuldades são por várias razões e não são irrelevantes: falta de tempo, falta de oportunidade, de ordem financeira e uma formação ruim como leitor. O desafio das redes de ensino que assumem a tarefa de fazer da escola um lugar de formação de leitores é, em primeiro lugar, fazer com que os professores passem à categoria de leitores e as estratégias não são muito diferentes das que são utilizadas com os alunos, ou seja, é preciso oferecer livros e criar momentos para que a leitura seja praticada de forma prazerosa e significativa.

Hoje já existem políticas de distribuição de livros para as escolas para acesso de alunos e professores como o Plano Nacional Biblioteca da Escola. Os docentes, também, podem ser incluídos como público alvo das atividades que são pensadas, originalmente, para os alunos, como, por exemplo, a visita de um escritor à escola. Nesse caso o professor é, ao mesmo tempo, interessado, parceiro e beneficiário dessa atividade. Para tanto, é preciso, também, abrir espaço nas rotinas escolares para que o docente tenha oportunidade. Portanto, o professor poderá, assim, perceber a importância da leitura em sua vida.

A dificuldade de acesso ao livro é para os professores como para muitos brasileiros, uma questão permanente. As características do mercado de livros com sua dificuldade de distribuição, como a falta de livrarias em muitos municípios e o preço relativamente alto do livro, somados aos baixos salários dos docentes, ajudam a aumentar o número de professor não-leitor.

Importante repensar políticas para essa situação do professor não-leitor como a semelhante ao vale-cultura criado pelo Ministério da Cultura, como por exemplo, um vale-livro.

A questão da formação de leitores pressupõe uma análise do contexto brasileiro no que diz respeito à falta de condições políticas, sociais e econômicas capazes de promoverem o acesso à leitura e a formação de leitores brasileiros. Quanto a esse problema, Sandroni e Machado (1987) se colocam:

Os pais que leem, aqueles que já têm eles mesmos o hábito de leitura desenvolvido, podem estar tranquilos quanto ao fato de que

seus filhos serão bons leitores. Sabemos, no entanto, que em nosso país eles são minoria. Por motivos diversos, principalmente de ordem econômico-social, a maioria de nossa população não lê. Assim, a escola torna-se o local possível, embora não o ideal dado o seu caráter obrigatório, onde se pode incutir na criança ou no jovem o hábito de ler. (SANDRONI e MACHADO, 1987, p. 11).

O processo de formação de leitores deve estar vinculado a situações e experiências que despertem o seu gosto e prazer pela leitura. Percebe-se, então, a importância que esses vínculos entre leitor e textos literários significam para o desenvolvimento de práticas leitoras. Essas práticas são motivadas pelos vínculos culturais e sociais locais que o indivíduo vai estabelecendo progressivamente em função de seus modos e contextos de vida.
As primeiras experiências de interação com a literatura, como já foi visto antes, normalmente acontecem no contexto da família, por adultos leitores do mundo e da palavra que com suas narrativas cheias de magia e encantamento, proporcionam ao leitor iniciante o livro e a literatura como ponto de partida para ser um leitor, como bem diz Bartolomeu Campos de Queiros:

A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos. [...] A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas. É mais que preparar o leitor para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também o consumir. É mais do que a incorporação de um saber frio, astutamente construído. [...] Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o homem p para tomar da sua palavra. (QUEIRÓS apud Capello et al. ,2008, p. 28).

Muitos professores brasileiros não tiveram a chance de construir uma história como leitores. A realidade de grande parte de nossos docentes está bem longe disso porque muitos não tiveram oportunidade de acesso a obras literárias em casa e nem construíram práticas sociais de leitura. Pode-se observar, no que diz respeito às primeiras histórias de leitura de diferentes leitores, que o ambiente é importante como gerador dessa prática no que tange ao sentido que atribuímos à leitura e que definem o perfil de leitores.
É difícil para um professor que não lê despertar o gosto pela leitura em seus alunos. Se a criança já vem de uma família que não lê e encontra na escola uma professora na mesma situação, essa professora não saberá como estimular a leitura.
Segundo Coelho (2000), o professor precisa estar "sintonizado" com as transformações do presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientado em três direções principais: da literatura (como leitor atento), da realidade social que o cerca (como cidadão consciente) e da docência (como profissional competente).
Para Soares (2006), um programa de formação de leitores deve se preocupar também com a formação do professor como leitor, "porque se a pessoa não tem prazer com o material escrito, é muito difícil passar isso para as crianças". Por isso, Rosana Becker defende que é preciso investir na formação continuada desse professor, que precisa se tornar leitor.
Becker (2006) tem vasta experiência na formação de professores e diz que não é suficiente disponibilizar acervos de livros e espaços de leitura como bibliotecas e clubes de leitura. "A professora deve ser envolvida em práticas de leitura, entrando em contato com outros professores leitores, participando de grupos de estudos, frequentando cursos, fazendo trabalhos, encontrando espaços de leitura nas salas de aula e nas escolas". Segundo ela, tendo essas vivências, os professores poderão perceber a importância da leitura em suas vidas, avaliar se são leitores ou não e construírem-se como leitores, tentando formas de acabarem com suas histórias de não-leitores.
Para Rosana (2006), os programas de formação de leitores devem levar em conta que a leitura do professor não é a mesma das crianças, é preciso conhecer o perfil do professor, saber o que ele lê de fato. Os acervos para professores devem ser diversificados, com leitura informativa: jornais, revistas periódicas, textos científicos sobre educação e literatura. "O professor precisa conhecer o universo simbólico da Literatura Brasileira e Universal",

diz ela.
O professor precisa ter uma concepção clara de leitura para formar alunos leitores. "Todo professor tem que ser um leitor entusiasmado para poder transmitir aos alunos a paixão de ler" (MIGUEZ, 2003, p.15). Se o professor não tem o gosto pela leitura, dificilmente despertará o interesse dos alunos pelo prazer de ler.
Muitos professores não tiveram oportunidade de se tornarem leitores em sua fase de escolarização por não terem tido, também, professores leitores. As condições salariais ou de trabalho, pouco ou nenhum tempo para ler são fatores que contribuem para o professor continuar sendo um não-leitor.
Portanto, se os professores não forem leitores, é quase impossível compartilhar com seus alunos os mistérios, os encantos, os prazeres que o maravilhoso mundo dos livros pode oferecer. Toda criança tem o dom de se deixar encantar e por isso o professor deve ser um encantador, um mediador de sonhos. Precisa provocar nos alunos a curiosidade que os fará se apaixonar pelo mundo dos livros. É preciso que conheçam a natureza da literatura, as obras, os autores, que reconheçam e saibam selecionar textos que irão agradá-los.
Para transformar o professor em um agente disseminador de boas práticas leitoras, o importante é saber que nunca é tarde para começar uma trajetória como leitor e ampliar ainda mais o conhecimento sobre os livros.

CONCLUSÃO

As atuais condições socioeconômicas da família que levam os pais a trabalharem fora de casa por muito tempo, não facilitam às crianças momentos de prazer e aconchego para ouvirem histórias contadas por algum de seus entes queridos.
Ouvindo histórias as crianças fazem relações do que acontece nelas com fatos do seu cotidiano e isso permite que tenham uma melhor e maior compreensão do mundo em que vivem e, portanto, mais possibilidades de atuarem na sociedade de maneira independente, crítica e reflexiva.
As histórias agem como verdadeiras lições de vida para as crianças, pois falam do próprio ser, do ser herói e da sua jornada. Quando ouvem ou leem uma história, sentem-se personagens dela. Dessa maneira vão dando sentido às suas vidas e podem enxergar, através do conto, suas próprias histórias.
Os contos são produções da coletividade. Os conflitos oriundos dessas narrativas são os mesmos que permanecem na história da humanidade desde sempre. São temas presentes na criação do mundo e nas suas transformações. A criança pode viver através das imagens simbólicas dos contos e isso a ajuda a fortalecer mais o seu ego para lutar por seus objetivos.
A literatura infantil e a contação de histórias, se bem trabalhadas, contribuem muito para o desenvolvimento de habilidades que são importantes para a vida pessoal e escolar das crianças. Portanto é uma prática que, indiscutivelmente, deve ser utilizada pelos professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.
Contar e ler histórias implica em desenvolver todo o potencial crítico da criança, pois através da história ela é levada a pensar, a questionar e duvidar, compreendendo que ela também está desenvolvendo sua oralidade.
Os benefícios da contação de histórias são reconhecidos como um importante auxiliar na formação das crianças, na compreensão dos significados e no desenvolvimento do gosto pela leitura.
È importante aproveitar o gosto que a criança tem pelas histórias para estimulá-las no desenvolvimento das aprendizagens e não utilizar o livro apenas como ferramenta pedagógica.
O professor deve fomentar o imaginário infantil com histórias bem escolhidas, que atendam os interesses dos alunos, com vocabulário rico e diversificado. O professor pode perceber, então, a criança viajando em seus sonhos e fantasias, onde a imaginação vai além, fazendo com que a aprendizagem aconteça de forma lúdica, natural e espontânea. Portanto, a contação de histórias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental é fator didático muito importante.
Na escola, a contação de histórias pelo professor de forma expressiva e que provoque encantamento, estimula o gosto e o prazer de ler nos alunos. Sendo assim, contando histórias durante a sua prática educativa, o professor atua como um agente formador de alunos leitores e leva-os a se tornarem responsáveis e independentes na construção de seus conhecimentos. Mas, para formar alunos leitores

e dividir com eles todo o encantamento que uma história pode proporcionar, o professor deverá ser, também, um leitor.
Através da pesquisa feita e dos autores pesquisados, foi possível verificar que a literatura infantil e a contação de histórias na educação infantil e nos anos iniciais proporciona ao aluno o despertar para as artes, para o gosto e o prazer de ler, o desenvolvimento da leitura e da escrita facilitando a construção de conhecimentos, bem como o seu desenvolvimento biopsicossocial, tornando-o um cidadão pleno.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. São Paulo: Ática, 2000.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição. A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre: Sagra, 1995.

BETTELHEIM, Bruno Psicanálise dos contos de fadas. Paz e Terra S/A, 2009.
BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester C. de Souza (Organizadoras). Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011 (Coleção Língua Portuguesa na Escola, 2).

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução n.1, aprovado em 07/04/1999b.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.

CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAPELLO, Cláudia et al. Literatura na formação do leitor. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

COELHO, Betty. Contar histórias - uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

CRAYDY, C. e KAERCHER, G. Educação Infantil, pra que te quero? Porto Alegre, Artmed, 2001.

DOHME, Vânia D'Angelo. Técnicas de contar histórias. São Paulo. Informal Editora, 2000.

GARCIA, Walkiria et. al. Baú do Professor. Belo Horizonte. Fapi, 2003
GREGORIN FILHO, Jose Nicolau. Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

KAERCHER, Gladis Elise, E por falar em literatura. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gladis (Orgs). Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

MEIRELLES, Elisa. Literatura, muito prazer. Revista Nova Escola. São Paulo, n.234, p.48-57, Ago/2010.

MIGUEZ, Fátima. Nas artimanhas do imaginário infantil. 3. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2003.